

CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA BALE NA FORMAÇÃO LEITORA

Maria Ameliane Figueredo de Oliveira ¹
Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra ²

RESUMO

Este trabalho apresenta as contribuições do Programa BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas) na cidade de Pau dos Ferros/RN para a formação leitora. Um programa de extensão que está na sua 13ª edição e percorre toda a comunidade e região. O incentivo a leitura é tema central das discussões que norteiam o trabalho, elencando as reflexões de autores como Villardi (1999), Magnani (2001) dentre outros autores que refletem a importância da leitura e da literatura bem como o gosto e formação do leitor. A análise está construída a partir de um atendimento coletivo, feito pelo programa na cidade de Pau dos Ferros no dia 05 de julho de 2018 na escola da rede municipal de ensino. Neste sentido, as discussões acerca do atendimento vão se atrelando ao que os autores abordados neste trabalho apresentam sobre o gosto pela leitura e a formação do leitor, apontando para a importância de se traçar estratégias de promover a leitura e o gosto por ler, função esta que o BALE consegue alcançar por onde passa.

Palavras-chave: BALE, Leitura, Gosto.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde criança aprendemos que a leitura é importante para a nossa formação humana, pois com ela adquirimos os conhecimentos básicos de ler e escrever, aprimorando-os com a prática. Falar em leitura é falar em gosto, uma vez que, não se pode ler sem gostar. É sair do mundo real para o imaginário. Nesse sentido, buscamos discutir neste trabalho sobre o ato de ler, e as contribuições do programa BALE para a formação leitora, quando este tem papel fundamental para instigar o gosto pela leitura.

Inicialmente fazemos uma explanação sobre ler, fundamentando-se em alguns autores como Villardi (1999), Magnani (2001), Freire (2018), que trazem discussões pertinentes para a discussão realizada neste trabalho, como a compreensão do ser leitor, bem como, explicando que a leitura é muito mais que o ato de codificar e decodificar.

Este trabalho, é o resultado de experiências adquiridas no programa BALE na cidade de Pau dos Ferros, que leva a leitura para a comunidade, atendendo tanto em espaços escolares como não escolares. Neste caso, trazemos as contribuições do programa para a formação leitora através dos atendimentos, dos quais recortamos um em específico.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, amelianediva@hotmail.com;

² Coautora: Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Letras PPGL/UERN, keutresoares@uern.br.

UM POUCO SOBRE A HISTÓRIA DO BALE

O BALE, significa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas, e surgiu há mais de dez anos atrás, em 2007, quando duas professoras, Maria Lucia Pessoa Sampaio e Renata Mascarenhas, ambas professoras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/CAMEAM), dos cursos de Pedagogia e Letras, que inquietadas com a necessidade de levar a leitura a crianças que não tinham acesso ao livro e à leitura, elaboraram um projeto que possibilitasse atender esse desejo. (FREITAS, VIEIRA E SAMPAIO, 2016)

Esse projeto inicialmente configurou-se como projeto de extensão da UERN, especificamente ao Departamento de Educação – DE, de 2007 até 2011, e depois de algum tempo, mais precisamente no ano de 2012 passou de projeto para programa de extensão vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo de Ensino e Aprendizagem (GEPPE/UERN/CAMEAM) do Departamento de Educação – DE. Hoje já se encontra em sua 13ª edição, e já viajou por vários lugares, inclusive para países, como Chile e México. (OLIVEIRA, 2016)

Está dividido atualmente entre cinco canteiros: BALE Formação, BALE Ponto de leitura, BALE Em cena, Cine BALE Musical e BALE Net, que desenvolvem atividades em conjunto objetivando o incentivo a leitura. Cada um desses canteiros, trabalham a mesma obra de acordo com a categoria de seu canteiro.

Hoje o programa conta com a coordenação geral da profa. Dra. Maria Lúcia Pessoa Sampaio, e mais cinco coordenadoras dos canteiros citados acima, desenvolvendo atividades em Pau dos Ferros e região. Além disso, o BALE se estendeu à outras cidades, expandindo suas atividades como: BALE Frup na cidade de Frutuoso Gomes, BALE Dantense na cidade de Francisco Dantas, BALE Portalegre na cidade de Portalegre, BALE Micaelense na cidade de São Miguel. Para que essas atividades ganhem forma, o programa possui uma bolsista, que fica responsável por acompanhar as atividades do programa, há ainda, os voluntários que são discentes do CAMEAM/UERN, bem como pessoas da comunidade paufferrense e cidades vizinhas que contribuem de forma significativa no funcionamento do programa.

É preciso destacar que, frente a todos os atendimentos, existe o planejamento, que visa a escolha da obra a ser trabalhada e como esta será contada. Neste percurso, atentamos para que a obra esteja sempre de acordo com o público que será atendido, pois, não podemos utilizar na ação uma obra que não esteja condizendo com a idade do público. Deste modo,

buscamos estratégias que possam contemplar a história e assim ver a melhor forma de apresentar para o público, seja em contação, encenação ou outra.

AS CONTRIBUIÇÕES DO BALE NA FORMAÇÃO LEITORA

Vocês já pararam para se perguntar o que é ler? Quando falamos em ler, logicamente pensamos no ato de ler e decodificar o sistema escrito, entretanto, vai muito além. Villardi (1999, p. 03-04) explica que “ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas [...]”. Nesse sentido, compreendemos que ler, é criar sentido para as palavras, é conseguir ser um sujeito atuante na sociedade, conseguindo apreender o que as palavras estão nos dizendo.

E o que nos leva a ser sujeitos críticos e pensantes no mundo, é justamente a leitura. É necessário que conheçamos todos os tipos de textos, como Villard ressaltava, principalmente a literatura. Villard (1999, p. 06) diz que “a literatura – uma vez que não tem compromisso com a realidade, mas com o real que ela mesma cria - é ficção e, por natureza, da ordem da fantasia”. É nesse sentido que compreendemos que a leitura da literatura transforma o ser, o faz sentir gosto por ler, pois, ao ler tornamo-nos seres capazes de nos transportar para o mundo irreal, onde tudo pode acontecer.

É no momento da leitura, que somos permitidos criar, reajustar, e participar da história, pois, o imaginário torna-se ativo, possibilitando que novas experiências sejam alcançadas, nos desprendendo da codificação e decodificação.

Diante dessa perspectiva de formação do leitor, e o gosto que a leitura nos proporciona, trazemos neste ponto, as contribuições que o programa BALE propicia a criança no tocante à despertar para as maravilhas que a literatura proporciona. Isto se dá através dos atendimentos, que fazemos nas escolas ou espaços não escolares.

Cada atendimento há a sua particularidade, há os pontos positivos e também os negativos, entretanto, é preciso expressar que em sua maioria, percebemos o quão maravilhoso foi à apreensão das crianças na história contada.

Dos muitos atendimentos que o BALE realiza, destacamos neste trabalho o que aconteceu na Escola Municipal Profa. Nila Rêgo da cidade de Pau dos Ferros/RN no dia 05 de julho de 2018. Este atendimento foi realizado de forma coletiva com as crianças da escola do turno matutino.

O BALE, entra em cena, se apresentando ao público, falando do programa e de como surgiu e quais atividades desenvolve em suas ações. Em seguida, os voluntários para iniciar as atividades, fazem uma pequena interação musical, com músicas infantis para instigar a alegria da criança.



Fonte: acervo do BALE – Foto autorizada

E logo inicia a contação, feita pela mediação de uma coordenadora ou voluntário, e fazendo perguntas sobre qual história eles achavam que será contada, é nesse momento que descobrimos o conhecimento de mundo que as crianças carregam.



Fonte: Acervo BALE

Em sua maioria, eles observam os figurinos nos voluntários, e vão citando exemplos dos contos de fadas, bruxas, lobo mal, fadas, princesas, entre outros clássicos mais conhecidos pelas crianças. É aí que começa o encanto, na medida que a história vai se desenvolvendo, percebemos o olhar apreensivo das crianças, muitas boquiabertas para descobrir como será o final da história.

Neste atendimento em específico, a história contada foi “O grande rabanete” de Tatiana Belinky, essa narração, é um conto sobre a história de um vovô que planta um rabanete e necessita de ajuda para poder retirá-lo da plantação. Podemos perceber que este conto, trata de questões como o trabalho o coletivo, a ajuda mútua e pode ser trabalhado tanto em forma de narração como encenação.



Fonte: Acervo do BALE – Foto Autorizada

Durante a encenação da obra, percebíamos que as crianças estavam encantadas com a história, e ficavam eufóricas a cada queda dos personagens, é nesse processo de encanto pela cena, que a criança toma gosto pela leitura. Após essa encenação da obra, prosseguimos com o reconto, uma forma das crianças poderem reconstruir a narrativa utilizando a linguagem delas, e assim desenvolver a linguagem oral. Uma garota se levantou e disse: “Oh tia, essa história, é muito legal, porque o vovô, conseguiu tirar o rabanete da terra, e comer com a família no jantar” (2018), então todos ficaram maravilhados com a forma que ela falou.

Pedimos sequencialmente que as crianças poderiam ir contar a história, então, cinco crianças se voluntariaram. A medida que a história ia sendo narrada, pois, uma criança ia contando conforme ela compreendeu, as outras iam atuando. O mais bonito foi, cada um interpretando o personagem da mesma forma que o BALE havia encenado, fazendo todos perceberem que elas gostaram da narração, tanto que conseguiram apresentar a história do mesmo jeito que elas ouviram e foi um sucesso, movimentando a escola inteira e contribuindo para a formação leitora das crianças.

Sobre a formação do leitor, Maganani (2001, p.40) diz que “[...] para formar leitores não basta oferecer livros. É preciso buscar respostas e alternativas para algumas questões que têm a ver com a concepção de sociedade, educação, de linguagem de leitura e literatura”. Nos fazendo compreender que para formar é preciso primeiro pensar em outros fatores como quem está formando o leitor, e como está formando esse leitor? É aí que o BALE entra em ação, transformando a sociedade em leitora.

Nesse processo de levar a leitura às crianças, formar leitores Magnani (2001, p. 42) ressalta que “tratar de leitura e literatura é tratar de um fenômeno social que envolve condições de emergência e utilização de determinados escritos, em determinada época [...] e tratar em formação do gosto é retomar as relações entre leitura, e literatura e escola”. Pois, para que haja essa formação, o gosto pela leitura, é preciso que adeque a leitura conforme o público e suas condições de aprendizagens, pois, se assim não o fizer, a criança não irá aprender, e não teremos êxito na construção do ser leitor.

Além disso, é importante que no contexto escolar, o professor esteja sempre trazendo novas leituras e trazer também às que os alunos gostam, possibilitando o aluno uma literatura conhecida bem como o conhecimento de novas leituras literárias, conforme afirma Magnani (2001, p. 138) “as leituras de que o aluno gosta podem ser trazidas para a sala de aula, como ponto de partida para reflexão, análise e comparação”, a autora até reflete a importância de literaturas produzidas pelos alunos como as em quadrinhos, que fazendo esse paralelo, instigará o gosto possibilitando um caminho para a aprendizagem.

Para tanto, Magnani (2001, p. 47) reflete que “o que interessa é buscar formas e técnicas novas para motivar a leitura”. São as estratégias que o BALE leva na mala, que fazem essa construção do leitor, quando a criança, através da roda de leitura tem o contato com o livro, e nas páginas que ela vai passando, novos conhecimentos vão sendo adquirido. Quando ainda não sabem ler, contam com a ajuda dos voluntários, ou muitas vezes procuram um livro composto por imagens, entretanto, essas imagens vão dando lugar a imaginação que cada uma possui dentro de si.

A roda de leitura proporciona às crianças o momento delas, de ser o narrador, em que estas vão contar a história que escolheram, da forma que conseguem adaptar seus conhecimentos atrelando-os a história, como na mudança da voz, dos gestos que elas fazem para um dizer, cada detalhe nos faz perceber que se a criança tiver esse contato com o livro, ela irá desenvolver cada vez mais, tanto o gosto pela leitura, como as habilidades técnicas.

E diante de cada atendimento, nós enquanto equipe BALE, vamos aprendendo e nos autoformando enquanto leitores, professores, agentes de leitura, pois, como bem reflete Freire (2018, p. 25) “[...] quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Com isto, vamos aprendendo caminhos de chegar à criança, de apresentar o livro a elas, a prática dos atendimentos contribui tanto para ampliar os conhecimentos do público atendido, como do nosso, uma vez que, estamos sempre buscando estratégias e métodos para instigar o gosto pela leitura.

Saldanha (2016, p. 1169) reflete que “do mesmo modo, propiciar o contato com o texto literário é reconhecer que a literatura contribui significativamente para a formação do indivíduo enquanto pessoa que tem sentimentos, emoções, problemas, conflitos, sonhos, desejos”. Nesse sentido, percebemos a importância da literatura para que o sujeito tenha momentos alegres, que viva de forma mais intensa outra realidade, aquela que nos traz a leitura de um livro.

Sampaio, Torres e Souza (2015, p. 11, grifo das autoras) exprimem que

a leitura precisa ser saborosa, atrativa e lúdica. E, sendo esse o tempo da curiosidade e da imaginação aguçada, deve-se investir na leitura por prazer, possibilitando a formação de crianças críticas, capazes de participar da vida social e, [...] gostar das “aventuras” proporcionadas pela literatura.

É por isso que a leitura não deve ser feita somente como obrigação escolar ou com outra finalidade que não seja o de formar o gosto pela leitura, se o for, o leitor não conceberá o interesse em conhecer outras leituras e em continuar no caminho das aventuras que a literatura proporciona.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos pressupostos apresentados neste trabalho acerca da leitura, percebemos que o ato de ler vai muito além da simples decodificação. Como bem reflete Raquel Villardi e

Magnani, ao ler damos sentido as palavras, compreendemos a mensagem que esta tem a nos inferir.

De modo que é importante que a construção do leitor seja realizada desde o início dos estudos, quando o professor traz para as aulas leituras que possibilitem o aluno a compreender e interpretar os sentidos. Sendo assim, além de leituras literárias, é importante que o docente traga leituras que os alunos gostam, pois assim, eles terão interesse em interagir nas aulas, e irão criando o gosto.

Dada a importância do ler, é preciso que haja o gosto pela leitura, e não um hábito diário, é preciso que este gosto seja elencado pelo leitor ao conseguir criar sentidos nas leituras, ao conseguir sair do mundo real para o imaginário, isto acontece porque há uma interação e construção de sentidos na leitura.

E o BALE como uma biblioteca ambulante contribui de forma significativa na formação do leitor, uma vez que, ao levar a leitura para as crianças, consegue instigar o pensamento crítico, a compreensão das histórias contadas.

Isto é possível porque o BALE busca trazer o livro não como um pretexto para trabalhar conteúdos, mas buscando formar leitores ativos, que gostam de ler. Assim o BALE, define estratégias de contação das histórias, e a partir dos encontros com a equipe definem a melhor forma de levar a história ao outro, seja encenada ou contada, objetivando que cada vez mais o livro faça parte da construção do ser leitor.

REFERENCIAS:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. – 56. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, Renata Paiva de; VIEIRA, Vinicius Batista; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. **Experiências Vivenciadas no Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE) na Cidade de Portalegre/RN.** VII FIPED, 2016

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura , literatura e escola.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Kaiza Maria de. **O Constituir-se leitor:** Narrativas de Experiências Estético-Formadoras no Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas (BALE). Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte: Pau dos Ferros, 2016.

SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes. Experiências exitosas de práticas de leitura e formação de leitores: Biblioteca ambulante e Literatura nas escolas – BALE. In: **20º Cole nas Bordas do (im)possível.** Revista Linha Mestra. Ano X. n. 30, 2016, p. 1167-1171.

SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa; TORRES, Maria Gorete Paulo; SOUZA, Míria Helen Ferreira de. Ler é encantar-se, configurar-se e transformar-se numa ‘terceira história’: a autoformação no programa biblioteca ambulante e literatura nas escolas (bale). In: **Leitura em Revista** iiLer / Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio n.8, mai., 2015, p. 11-27.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1999.